

**O Canto do cisne assado: uma proposta de tradução poética para
Olim lacus colueram (CB 130), comentário e um estudo
comparativo entre versões**

**The Song Of The Roasted Swan: a suggested poetic translation of
Olim lacus colueram (CB 130), comments and a comparative
study between versions**

Henrique Marques Samyn*
marquessamyn@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: Proponho neste artigo uma nova tradução poética para *Olim lacus colueram* (CB 130), informalmente conhecido como o *Canto do cisne assado* – um dos *Carmina Burana* mais conhecidos, graças à sua apropriação por Carl Orff. Apresento também alguns comentários sobre a tradução latina e um breve estudo comparativo entre a versão que proponho e as versões poéticas de Maurice van Woensel e David Parlett.

PALAVRAS-CHAVE: *Olim lacus colueram*. *Carmina Burana*. Tradução.

ABSTRACT: In this article I suggest a new poetic translation of *Olim lacus colueram* (CB 130), which is informally known as the Song of the roasted swan – one of the most renowned Songs from Beuern, thanks to German composer Carl Orff's musical composition. I also make some comments on the Latin translation and present a brief comparative study between my suggested version and Maurice van Woensel's and David Parlett's poetic versions.

KEYWORDS: *Olim lacus colueram*. Songs from Beuern. Translation.

* Doutor e pós-doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professor Adjunto de Literatura Portuguesa da mesma universidade

1 Tradução

I.

Vivia eu outrora em um lago,
outrora belo, contemplado
quando era ainda um cisne alado.

Ai, desgraçado!

Refr. Negro, queimado,
totalmente tostado!

II.

Mais alvo que a neve fui, moço,
que qualquer ave mais formoso;
eis-me aqui, mais negro que um corvo.

Ai, desgraçado!

Refr. Negro, queimado,
totalmente tostado!

III.

Me queima este ardente braseiro,
gira e regira o cozinheiro;
já me leva à mesa o copeiro.

Ai, desgraçado!

Refr. Negro, queimado,
totalmente tostado!

IV.

Quem me dera na água viver,
ao ar despido, e jamais ter
tanta pimenta a me embeber.

Ai, desgraçado!

Refr. Negro, queimado,
totalmente tostado!

V.

Agora jazo neste prato;
voar não posso mais e, assado,
vejo os dentes arreganhados.

Ai, desgraçado!

Refr. Negro, queimado,
totalmente tostado!

2 Comentário

Olim lacus colueram (CB 130), informalmente conhecido como a *Canção do cisne assado*, está indiscutivelmente entre as mais curiosas e instigantes composições preservadas nos *Carmina Burana*, não constando de nenhum outro

manuscrito medieval. O lamento do cisne que, tostado e prestes a ser devorado, relembra a época em que pacificamente habitava o lago não pode deixar de despertar algum estranhamento no leitor: de que trata, afinal, a composição? Tratar-se-ia meramente de “um entretenimento poético de tema irrelevante, mas de bela forma”, como anotou Ricardo Arias y Arias (1970, p. 298; trad. minha) – porventura resgatando o contraste entre a beleza da ave e seu macabro destino, tema já presente na obra de Marcial, consoante Arnaldo do Espírito Santo (2004, p. 218)? Ao que tudo indica, também Carl Orff teve despertado o interesse pela estranheza do poema – uma vez que, ao aproveitá-lo para a sua cantata, suprimiu as estâncias pares, reduzindo a composição à lembrança da vida no lago, ao momento em que o cisne é assado e à iminência de ser servido à mesa; torna-se assim inviável qualquer leitura que considere um sentido metafísico, o que me parece mais procedente, como mais à frente observarei.

Por outro lado, Maurice van Woensel, nas notas explicativas ao conjunto de poemas que antologou e traduziu, propôs uma interpretação bastante peculiar para a composição: a seu ver, “talvez este cisne seja um símbolo do poeta-cantador; feito para ‘voar’ ou ‘nadar graciosamente’ por meio de sua arte, é menosprezado pela sociedade, e muitas vezes apreciado tão somente depois de sua morte” (1994, p. 168) – uma leitura que me parece demasiadamente tributária da visão sobre os “goliardos” influenciada por olhares oitocentistas que neles projetava traços da boemia romântica; poetas, portanto, a quem pouco interessariam preocupações metafísicas, como destacava John Addington Symonds, para quem a composição não passa de uma típica representante de um já datado humor medievo, possivelmente entoada em festas regadas a vinho (1907, p. 20-21; 175).

Penso, contudo, que uma melhor direção para a leitura é oferecida por Manuel Marcos Casquero e Jose Oroz Reta (1995, p. 418), que propõem uma interpretação de fundo metafísico para o poema: segundo esses autores, a escolha do cisne não guarda relação com sua frequente presença em banquetes medievais, mas sim por seu valor simbólico – patente no contraste entre a alvura original e o estado atual da ave – e por sequências como *Clangam, filii, ploratione una* – alegoria sobre a queda do homem, em que “o longo monólogo do cisne expressaria a angústia da alma humana, perdida e sem rumo até que desponta a aurora”, ou seja, a luz de Cristo (MARTÍNEZ GÁZQUEZ; FLORIO, 2006, p. 74; trad. minha). Assim, para Marcos Casquero e Oroz Reta, “os lamentos da ave mística desterrada têm

como contrapartida os sentimentos desesperados do cisne assado, que os convidados reduzirão a um silêncio definitivo” (1995, p. 418; trad. minha).

Conquanto admita a pertinência dessa leitura – que, a meu ver, enfatiza com precisão o alcance metafísico do poema burano –, julgo ser possível entrever na composição também o tipo de discurso moralizante frequente nos textos reunidos no códice: não me parece imediatamente implicada no poema a salvação do sujeito poético, estando por outro lado patente a sua aniquilação, enfatizada por um efeito de suspense deliberadamente construído na estância final. Considero, assim, possível supor que a dimensão simbólica do cisne esteja aqui relacionada a uma trajetória descendente que parte do estado inicial de beleza e pureza – metaforizado pela brancura – rumo à condenação derradeira – metaforizada pelo abrasamento e pela aniquilação. À maneira de hipótese, considero também pertinente resgatar a distinção estabelecida por Isidoro de Sevilha entre o cisne branco e o cisne negro (*Etymologiarum*, XII, 7: 18: ...*Olor autem dictus, quod sit totus plumis albus; nullus enim meminit cygnum nigrum...*): seria possível supor que, no poema burano, desde o início o cisne (“*cygnum*”) é negro, estando a alvura que evoca associada a um estado de pureza ideal que jamais alcançou concretamente, enquanto sujeito marcado pelo pecado original?

3 Sobre a tradução: comentários e análise comparativa

Em minha tradução, procurei preservar a estrutura formal da composição burana: conservei o esquema rimático e, metricamente, utilizei octossílabos – no refrão, tetrassílabos e hexassílabos. Realizei a análise comparativa recorrendo a duas traduções poéticas amplamente conhecidas: a versão para o português de Maurice van Woensel (1994) e a versão para o inglês de David Parlett (1986). Para facilitar a leitura, reproduzo aqui as estrofes na minha tradução, seguidas dos comentários analíticos; nos anexos, transcrevo integralmente o texto original e as versões utilizadas para o cotejo.

I.

“Vivia eu outrora em um lago,
outrora belo, contemplado
quando era ainda um cisne alado.”

A tradução de van Woensel para a primeira estância, para além da pobreza rimática, introduz um vocábulo que, a meu ver, favorece leituras anacrônicas (“chique”); por outro lado, a descrição do cisne como “feliz” – redundante, considerando-se o contexto – e o verbo “volitar” são acréscimos desnecessários ao texto original. A tradução de Parlett suprime a referência à beleza do cisne, tendo, contudo, o mérito de preservar a repetição de termos nele presente, ainda que não nas mesmas posições. Em minha proposta de tradução, também procurei preservar essa repetição – a meu ver, importante desde uma perspectiva retórica –, mantendo ainda as referências à beleza do cisne. Optei pelo verbo “contemplar” para manter o sentido de “*ex(s)tō, -āre*”.

Refrão:

“Ai, desgraçado!
Negro, queimado,
totalmente tostado!”

A proposta de van Woensel não apenas foge à estrutura métrica e rimática do refrão como também despreza inteiramente o sentido do verso que o abre, o que me parece inaceitável. Parlett, conquanto também aqui procure preservar os aspectos formais da composição e encontre uma boa solução para o primeiro verso, afasta-se bastante do sentido original nos versos restantes. Minha solução perde o efeito retórico da repetição no primeiro verso, mantido por Parlett, mas julgo ter preservado o sentido geral do refrão, especialmente com a ênfase em “*niger*” no verso central – fundamental para que se estabeleça um contraste entre a cor original e a cor atual do cisne, elemento central para a interpretação da obra, como anteriormente destaquei. Com efeito, o fato de Parlett haver desprezado esse contraste demonstra que sua leitura do *carmen* não observou o sentido metafísico destacado por Marcos Casquero e Oroz Reta, em consonância com o qual propusemos nossa interpretação.

II.

“Mais alvo que a neve fui, moço,
que qualquer ave mais formoso;
eis-me aqui, mais negro que um corvo.”

A tradução de Parlett alcança um resultado primoroso, preservando inteiramente o sentido e a forma da estância original; o mesmo não ocorre com a proposta de van Woensel, que, sem qualquer motivo, altera profundamente o sentido do verso central, obtendo um resultado incoerente, senão absurdo: como poderia um cisne ser “lindo como um pavão”? A solução que proponho recorre, no verso inicial, à ideia de juventude para aludir ao tempo passado – o que não está na composição original, mas de algum modo mantém o seu sentido. Por outro lado, também pude conservar o vínculo sonoro “*nive – ave – corvo*”, algo sem dúvida facilitado pela proximidade entre os vocábulos latinos e seus correspondentes na língua portuguesa (mesmo van Woensel logra fazê-lo, ao recorrer a seu insólito “pavão”).

III.

“Me queima este ardente braseiro,
gira e regira o cozinheiro;
já me leva à mesa o copeiro.”

A simplicidade rimática do poema original ressoa nas soluções propostas por van Woensel e Parlett, embora ambos optem por uma repetição que acentua um efeito retórico presente de forma mais tênue na composição latina. Procurei ser mais fiel ao texto burano, suprimindo a construção pronominal no verso intermediário. A opção por “copeiro” no terceiro verso tem, evidentemente, a finalidade de preservar a rima.

IV.

“Quem me dera na água viver,
ao ar despido, e jamais ter
tanta pimenta a me embeber.”

A versão de van Woensel, para além de soar truncada, antecipa uma referência ao voo que, na composição original, aparece apenas na última estrofe – o que não deixa de ser relevante para a interpretação do poema, como destaquei na seção inicial. Se em outros momentos optei por rimas mais elaboradas do que aquelas que estão na obra original, aqui optei deliberadamente por uma simplificação rimática, a fim de manter o sentido do texto latino do modo mais rigoroso possível.

V.

“Agora jazo neste prato;
voar não posso mais e, assado,
vejo os dentes arreganhados.”

Van Woensel inverte o sentido de “*video*”, o que a meu ver tem o indesejável efeito de alterar o sentido da posição objetual ocupada pelo sujeito poético, além de arruinar o efeito de suspense constante do poema original: a dramaticidade está no fato de que o sujeito vê os dentes pelos quais inevitavelmente será trucidado, sem que isso seja descrito no poema. A tradução de Parlett segue mais de perto o texto latino, como também eu procurei fazer; não obstante, razões métricas levaram-no a, como eu, ampliar o verso intermediário acrescentando elementos que, sem acrescentar novas informações ao poema, preservassem sua estrutura formal.

4 Síntese conclusiva

Para além de aspectos mais específicos, devidamente abordados nos comentários anteriormente expostos, parece-me interessante observar que as traduções poéticas de Maurice van Woensel e David Parlett para *Olim lacus colueram* (CB 130) desprezam elementos formais e retóricos relevantes para a interpretação de fundo metafísico do poema que defendo, na esteira de Manuel Marcos Casquero e Jose Oroz Reta. Nessa medida, as versões se inserem na tradição exegética que não percebe na obra nada além de uma peça singular e curiosa, eventualmente criada para um divertimento em banquetes.

Em contraste com essas propostas, espero que minha versão apresente soluções, ainda que não definitivas, mais satisfatórias para a composição, tanto pelo rigor que procurei observar no que tange ao respeito à forma e ao sentido da obra quanto pela relevância desses elementos para uma leitura que alcance toda a riqueza de significados do poema. Espero, enfim, que o “canto do cisne assado” possa ser percebido não apenas como a instigante peça que, de fato, é, mas também como uma obra que remete a alguns dos mais profundos questionamentos da mentalidade medieval.

Referências

ARIAS Y ARIAS, Ricardo. *La poesía de los goliardos*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1970.

Carmina Burana [Canções de Beuern]. Tradução, introdução e notas de Maurice van Woensel. 2. ed. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do. *Toto notus in orbe Martialis*: a recepção de Marcial na Idade Média. *Humanitas*, n. 56, 2004. p. 209-224.

HILKA, Alfons; SCHUMANN, Otto. *Carmina Burana*. I Band: text. 2. Die Liebeslieder. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1941.

MARCOS CASQUERO, Manuel A.; OROZ RETA, Jose. *Lirica latina medieval*. I. Poesía profana. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.

MARTÍNEZ GÁZQUEZ, José; FLORIO, Rubén (Coords.). *Antología del latín cristiano y medieval*: introducción y textos. Bahía Blanca: Editorial de la Universidad Nacional del Sur, 2006.

PARLETT, David. *Selections from the 'Carmina Burana'*: a verse translation. Londres: Penguin Books, 1986.

ISIDORI HISPALENSIS EPISCOPI. *Etymologiarum libri XX*. In: _____. *Opera omnia*. T. III-IV. Ed. J.-P. Migne. Paris, 1850.

SYMONDS, John Addington. *Wine, women, and song*: medieval latin students' songs now first translated into English verse with an essay. 2ª ed. Londres: Chatto and Windus, Publishers, 1907.

R. Jazo preto,
todo tostado, neste espeto.

Branco de neve, bonitão,
era lindo como um pavão,
agora feito um corvo tição.
Pobre de mim!

R. Jazo preto...

No espeto me fazem girar,
no braseiro me deixam assar,
garçons me servem para jantar.
Pobre de mim!

R. Jazo preto...

Era na água, meu elemento,
prefiro o voo no firmamento
a este banho de condimento.
Pobre de mim!

R. Jazo preto...

Na travessa estou deitado,
sem as asas, depenado,
entre dentes me vejo mascado.
Pobre de mim!

R. Jazo preto...

III. Versão de David Parlett
(PARLETT, 1986, p. 130-131)

Once I had lakes to live upon:
in glory I would swim along –
once, when I was still a swan.

*Poor thing, poor thing –
not a raw thing
but done like anything!*

Once I was whiter than the snow,
finer than any bird I know:
now see me – blacker than a crow!

Poor thing...

Cook on the spit is curving me,
flames sear through every nerve in me –
now here's a waiter *serv*ing me!

Poor thing...

I'd rather be in the fresh air
out on a lake – or anywhere
but peppered up as gourmet's fare.

Poor thing...

Here in this serving dish I lie
where I have no strength to fly
as grinding molars greet the eye...

Poor thing...